

MINISTÉRIO KALEO – EBD

A sabedoria instrui acerca da conduta desonrada

(Pv 26.1-28)

“¹² Tens visto um homem que é sábio a seus próprios olhos? Maior esperança há no tolo do que nele.” (Pv 26.12)

Estudo de versículo por versículo:

A honra não convém ao insensato — *Como a neve no verão e como a chuva na ceifa, assim, a honra não convém ao insensato (Pv 26.1).* A neve no verão é um fenômeno inesperado na natureza. Verão é tempo de calor, e no calor a neve não aparece. A chuva na ceifa é desastrosa, pois coloca em risco toda a safra. Para que os grãos sejam colhidos em segurança e com boa qualidade, o tempo precisa estar seco. Salomão usa esses dois casos para ilustrar a inconveniência de honrar o insensato. O insensato, quando colocado num lugar de honra, usará esse posto para engrandecer-se, e não para exaltar Deus. Ele empregará esse privilégio para se servir do próximo, e não para servir ao próximo. Longe de ser um diácono de Deus, a serviço do povo, será um avaro ganancioso a locupletar-se. Longe de seu prestígio o levar pelo caminho da humildade, este o introduzirá na sala de espera da soberba, o caminho mais curto para o desastre. Não honre aqueles que não merecem honra. Não exalte aqueles cuja conduta é reprovável. Não coloque no pedestal aqueles que não têm estrutura moral para serem honrados. Não ponha as luzes da ribalta sobre aqueles que são amantes dos holofotes. Não contribua para que o insensato se torne ainda mais insensato. Exaltar o soberbo é tornar ainda mais ruidosa sua queda; honrar o insensato é agravar ainda mais seu pendor para a insensatez.

A maldição sem causa não se cumpre — *Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a maldição sem causa não se cumpre (Pv 26.2).* Quando um pássaro foge da gaiola ou escapa do cativo, torna-se livre. Uma andorinha no seu voo não tem os pés atados nem está presa debaixo de uma arapuca. Assim como esses pássaros são livres para voar e contemplar lindos cenários, também está livre de maldição aquele que vive piedosamente. A maldição é consequência da desobediência. Quem abre uma cova para seu próximo nela cairá. Quem invoca maldição sobre os outros verá essa maldição cair sobre sua própria cabeça. Quem fala impropérios contra Deus e desanda a boca para amaldiçoar o próximo será vítima de suas próprias palavras injuriosas. Todavia, a maldição sem causa não se cumpre. A proparlada maldição hereditária não tem amparo nas Escrituras. Os filhos não levarão os pecados dos pais. Cada um dará conta de si mesmo a Deus. Quando temos um encontro com Cristo, tornamo-nos novas criaturas. As coisas antigas ficam para trás, e tudo se faz novo. Em Cristo temos uma nova mente, um novo coração, uma nova vida, uma nova família, uma nova pátria. Não precisamos ter medo de maldições, pois em Cristo somos benditos de Deus, guardados eternamente por ele.

O castigo do insensato — *O açoite é para o cavalo, o freio, para o jumento, e a vara, para as costas dos insensatos (Pv 26.3).* O cavalo, além de ser montado, ainda apanha do montador. O jumento, além de levar pesada carga, ainda tem um desconfortável freio na boca. Como o açoite está para o cavalo e o freio para o jumento, assim a vara está para as costas do insensato. O insensato é turrão. Ele se recusa a aprender. Tem dura cerviz e não se dobra, por isso apanha. Os açoites que recebe são provocados por ele mesmo. Por não escutar conselhos, escuta: “Coitado!” Por não obedecer, sofre os amargos resultados de sua rebeldia. O insensato apanha da própria vida. Pensa errado

e faz escolhas erradas. Suas intenções são impuras, suas palavras são tolas, suas ações são erradas e suas reações são explosivas. Tudo em que o insensato põe a mão dá errado. Aonde ele chega, arranja encrenca. É um provocador de tempestades. E as tempestades que ele provoca caem sobre sua própria cabeça. O insensato vive debaixo do chicote. Suas costas são o endereço mais certo dos açoites. A vara é seu quinhão. Como o cavalo recebe açoites e não se emenda, como o jumento tem freio na boca e não obedece, assim o insensato vive apanhando e não aprende. Suas costas não se cansam de receber açoites e mais açoites. O insensato geme, esperneia e chora, mas se recusa a emendar seus caminhos. A dureza de seu coração só produz mais açoites em seus lombos!

Evite discutir com o insensato — *Não respondas ao insensato segundo a sua estultícia, para que não te faças semelhante a ele (Pv 26.4).* A boca do insensato é loquaz, mas suas palavras são carregadas de tolice. Ele fala muito, mas pouco se aproveita do que é dito. Saem de seus lábios torrentes de palavras, mas todas impregnadas de estultícia. Sua língua suja é o arauto de seu coração contaminado. Sua boca é o laço de seus próprios pés, e o chicote para as suas costas é o triste pagamento de suas próprias loucuras. Discutir com o insensato é empreitada inglória. Responder ao insensato segundo sua estultícia é fazer-se semelhante a ele. Entrar numa pugna de palavras com o insensato é perder o tempo, a paz e o testemunho. Entrar em seu jogo é nivelar-se por baixo. Empanturrar os ouvidos com suas palavras é intoxicar a alma. Mergulhar nos seus argumentos é dar marcha a ré na estrada do saber. Discutir razões com o insensato é correr o risco de perder o equilíbrio e a própria razão. Responder ao insensato segundo a sua cosmovisão desfigurada pela cegueira moral e espiritual é perda de tempo e de testemunho. Você quer poupar sua alma de sofrimento? Não discuta com o insensato! Você quer andar pelos caminhos da sabedoria? Não responda ao insensato segundo sua estultícia! Você quer viver em paz? Afaste seus pés do caminho do insensato!

Como responder ao insensato - *Ao insensato responde segundo a sua estultícia, para que não seja ele sábio aos seus próprios olhos (Pv 26.5).* À primeira vista, esse versículo parece estar em total contradição com o anterior. Você não deve responder ao insensato segundo sua estultícia para que não se torne semelhante a ele; você deve responder ao insensato segundo sua estultícia para que ele não seja sábio aos próprios olhos. O ponto é este: entrar no jogo do insensato e responder conforme sua tolice é imitá-lo. Porém, contradizer o insensato é dar a sensação de que ele é sábio a seus próprios olhos. Os dois textos ensinam a mesma verdade pelos dois lados da moeda. Com o insensato não se argumenta, pois ele gosta de discutir ideias, mas não de aprender. Gosta de expor sua visão tola e míope, mas não de aprender a sabedoria. Gosta de ficar no campo da discussão, mas jamais se dispõe a entrar na arena da ação. O insensato se olha no espelho e não vê seus defeitos; enxerga apenas suas supostas virtudes. Ele discute suas ideias e não vê suas contradições, apenas suas supostas coerências. Ele encara as palavras lúcidas do sábio apenas como um punhado de ameaças à sua fortaleza de palha. O insensato vê, mas não enxerga; escuta, mas não ouve; estuda, mas não aprende. Seus olhos estão vendados, sua mente está embotada e seu coração está endurecido.

O insensato não é um bom mensageiro — *Os pés corta e o dano sofre quem manda mensagens por intermédio do insensato (Pv 26.6).* O mensageiro é o portador de uma mensagem. Ele não cria a mensagem nem é o seu emissor. Seu papel é transmitir com fidelidade a mensagem que recebeu, no lugar certo, no tempo certo, às pessoas certas. O mensageiro é um arauto. O arauto não pode mudar a mensagem. Não pode diminuir nada da mensagem nem acrescentar nada a ela. Não pode torná-la mais amena nem mais grave. Fazer isso é tornar-se culpado de severa traição. Quem envia um insensato para transmitir uma mensagem ficará tão frustrado quanto um corredor cujos pés são cortados e quanto um emissor que vê o portador perder pelo caminho o produto que enviou. O insensato não é um indivíduo confiável. Ele não tem fibra moral para entregar fielmente o que recebeu. Ele não é fiel em seu caráter nem em suas ações. Sua conduta frouxa o incapacita a cumprir uma missão sublime. Deus nos constituiu seus arautos. Somos portadores da mensagem do evangelho, a melhor e a mais importante mensagem que o mundo pode ouvir. Somos embaixadores com o propósito de rogar às pessoas, em nome de Cristo, que se reconciliem com Deus. Preguar outra mensagem é tornar-se um falso profeta. Ensinar outra doutrina é tornar-se um falso mestre. Mudar a mensagem ou torná-la mais palatável é agir com reprovável insensatez.

A boca do insensato não é confiável - *As pernas do coxo pendem bambas; assim é o provérbio na boca dos insensatos (Pv 26.7).* O insensato é o tolo metido a sábio. E o bronco tocando trombeta para anunciar sua inteligência. E o fanfarrão que faz propaganda do conhecimento que não tem, do dinheiro que não possui, das façanhas que não realizou. A única coisa boa do insensato é a opinião que ele tem sobre si mesmo. Ele se acha mais bonito, mais forte e mais esperto do que os outros. Sente-se bem diante do espelho não porque tem um bom desempenho, mas porque lhe falta clara visão para enxergar. O insensato gosta de contar lorotas. Está sempre contando histórias e criando provérbios. Porém, suas histórias estão eivadas de mentiras, e seus provérbios são mancos. Assim como as pernas do coxo pendem bambas, assim são os provérbios do insensato, não ficam de pé, não têm sustentação, carecem de veracidade. Os provérbios do insensato são fruto de sua ignorância e resultado de sua pretensa sabedoria. São a essência de uma filosofia chula, o estrato de uma cosmovisão capenga, a súpula de um conhecimento raso. A boca do insensato não é confiável. Fala muito e não diz nada. Arrota muita arrogância, mas não destila conhecimento. Faz propaganda de atingir as alturas, mas nem sequer decola do chão. A boca do insensato e as pernas do coxo não se sustentam.

Não dê honra ao insensato — *Como o que atira pedra preciosa num montão de ruínas, assim é o que dá honra ao insensato (Pv 26.8).* Pedra preciosa é coisa rara e custa caro. São procuradas com cuidado, lapidadas com perícia e encrustadas em joias nobres. Pedra preciosa é um símbolo de bom gosto e uma evidência de riqueza. Estão presentes nas vitrines mais cobiçadas, nos museus mais seletos e nas mãos dos colecionadores mais abastados. Pedra preciosa se compra, se guarda e se usa. Só um louco ousaria jogar uma pedra preciosa num montão de lixo. Só um indivíduo desprovido de senso de valor atiraria uma gema num montão de ruínas. Assim como essa atitude seria sinal de suprema insensatez, também dar honra a um insensato é jogar pedra preciosa no lixo. E o mesmo que colocar uma joia no focinho de um porco. E fazer um péssimo investimento. E desperdiçar um grande tesouro. Honrar um insensato é agravar ainda mais sua insensatez. Elogiar um insensato é transformá-lo numa ameaça. Aplaudir um insensato é fazer dele um ser intragável e ao mesmo tempo perigoso. O insensato honrado usará essa honra a ele conferida não para servir melhor ao próximo, mas para o explorar ao máximo. Ele usará o poder recebido para oprimir, e não para socorrer os necessitados. Honra e insensatez não podem morar debaixo do mesmo teto. Esse casamento nunca dá certo.

As palavras do insensato machucam — *Como galho de espinhos na mão do bêbado, assim é o provérbio na boca dos insensatos (Pv 26.9).* Ah, a língua do insensato! E pior do que o chicote nas mãos de um carrasco. E pior do que a espada nas mãos de um louco. E como um galho de espinhos na mão do bêbado. O bêbado cambaleia aqui e cai acolá. O bêbado com um galho de espinhos na mão ferirá os outros e a si mesmo. Castigará o próximo e a própria vida. E uma ameaça a si mesmo e a quem convive com ele. Assim é o provérbio na boca dos insensatos. As palavras do insensato machucam como espinho, ferem como espada, queimam como fogo, matam como veneno. A boca do insensato é uma fonte poluída da qual jorra toda sorte de sujidades. Seus lábios proferem mentiras, sua língua está carregada de veneno e sua garganta é uma cova de morte. Os provérbios do insensato são filosofia subterrânea que penetra pelas galerias lóbregas da imoralidade. Os provérbios do insensato são recheados de palavras torpes, de blasfêmias abomináveis e de promiscuidades detestáveis. Sempre que o insensato abre a boca, o ambiente se torna carregado, as pessoas são constrangidas e a sabedoria é sonogada. Os provérbios do insensato são como o galho de espinhos nas mãos do bêbado: ferem e machucam; causam dor e desconforto.

Valorizar os insensatos é perigoso - *Como um flecheiro que a todos fere, assim é o que assalaria os insensatos e os transgressores (Pv 26.10).* O dinheiro é bom; com ele, podemos fazer muitas coisas preciosas. Podemos prover nossas necessidades, assistir nossa família e ainda socorrer os necessitados. O salário é o pagamento legítimo a quem trabalha de forma honrada. Aqueles que atuam com perícia e excelência recebem a recompensa do seu trabalho. Quanto mais o trabalhador justo é honrado, melhor a sociedade se torna. Quanto mais o justo cresce com o fruto do seu labor, mais humanas se tornam as relações. Isso porque o justo não granjeia seus bens apenas para proveito próprio. Ele não é governado pela avareza. O justo é aquele que tem o coração aberto, a casa aberta e o bolso aberto para socorrer os necessitados à sua porta. Assalar os insensatos e transgressores, porém, é colocar em suas mãos uma flecha que fere e mata. O transgressor, quanto mais tem, mais deseja ter. O insensato está disposto a construir riqueza sobre os escombros de sua própria família. Quanto mais dinheiro o insensato acumula e quanto mais poder reúne em suas mãos, mais ele oprime os fracos.

O cão que volta ao vômito — *Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia (Pv 26.11).* O cão, embora seja um animal de estimação, é irracional. Não tem noção de quão nojento é o seu vômito, por isso volta a ele depois de expeli-lo. Porque o cão não é regido por discernimento e sabedoria, torna ao seu vômito e come aquilo que lançou fora. Alimenta-se daquilo que lhe fez mal. Ingere aquilo que, naturalmente, seu corpo rejeitou. Não poderia existir figura mais repugnante do que essa. Pois é exatamente isso o que acontece quando o insensato reitera a sua estultícia. Ao proferir palavras tolas, reafirmando-as, ele volta a seu vômito. Ao abrir sua boca para despejar blasfêmias, ao repeti-las, ele volta a seu vômito. Ao contar piadas imorais e repeti-las à exaustão rasgando a cara em ruidosas gargalhadas, ele volta a seu vômito. Ao narrar, com orgulho, as peripécias feitas sob o manto das trevas, contando isso repetidamente, como se estivesse destilando o estrato mais puro da sabedoria, ele volta a seu vômito. Ao estadear, reiteradamente, sua pretensa sabedoria e ao rejeitar o conhecimento dos sábios, preferindo fechar os olhos e tapar os ouvidos para não acolher a verdade, ele volta a seu vômito. Oh, como é tolo o insensato! E comparado a um animal irracional na prática de seu mais repugnante instinto.

A soberba é uma tragédia — *Tens visto a um homem que é sábio a seus próprios olhos? Maior esperança há no insensato do que nele (Pv 26.12).* A sabedoria é adornada pela humildade. O sábio jamais toca trombetas para anunciar suas virtudes ou para destacar seu refinado conhecimento. O sábio jamais enaltece a si

mesmo. Jamais se coloca no pedestal para dizer que é melhor do que os outros. Aquele que se julga sábio aos próprios olhos matricula-se na escola da insensatez. Aquele que drapeja as bandeiras da autoexaltação não desfilará garbosamente na passarela da aprovação popular. Ao contrário, ele se tornará pior do que o insensato. O autoelogio é uma consumada tolice. Salomão é categórico em dizer que maior esperança haverá para o insensato do que para esse sábio de araque. A falsa sabedoria é pior do que a tolice, pois o falso sábio, além de ser tolo, ainda pensa que não o é. O autoengano é o pior dos enganos. E a cegueira autoimposta. Para o tolo não há esperança, pois ele se fecha por completo ao aprendizado. Associa à sua ignorância a arrogância. Atrela à sua estultícia uma confortável, mas perigosa, sensação de sabedoria. Que quadro patético é esse! Que engano fatal! O ignorante, por ser humilde, pode aprender e tornar-se sábio; mas o ignorante, que se julga sábio, do alto de sua falsa sapiência, blinda-se a toda sorte de aprendizado e perece no alto do mastro, isolado em sua desdita.

As desculpas infundadas do preguiçoso - *Diz o preguiçoso: Um leão está no caminho; um leão está nas ruas (Pv 26.13).* O preguiçoso é um especialista em arranjar desculpas. Emprega toda a sua energia e todo o seu esforço mental criando mecanismos de defesa e inventando razões para não trabalhar. O preguiçoso vê o que não existe, aumenta o que existe e foge daquilo que deveria procurar. O provérbio em apreço mostra a que ponto o preguiçoso é capaz de chegar. O leão é um animal que vive em algumas savanas, longe de lugares habitados. O leão não perambula pelas ruas. Não transita entre as pessoas. Não vive às soltas na cidade. Mas, como o preguiçoso precisa encontrar uma justificativa para sua inércia, inventa essa descabida desculpa. Se o preguiçoso usasse para trabalhar a ginástica mental que emprega para criar desculpas, seria um indivíduo próspero. Mas ele prefere descansar confortavelmente em seu leito, virando de um lado para o outro. Ele se cansa de descansar; então, descansa até se cansar novamente. Nessa ciranda sem fim, passa sua vida mergulhado numa inércia vergonhosa até que a necessidade o assalta e a pobreza o encurrala. Suas desculpas não podem livrá-lo da miséria. Suas miragens não podem afastar a crise. O preguiçoso viu ameaça onde não havia ameaça, mas o verdadeiro leão que ele viu nas ruas é a pobreza que chegará certa, e desse leão ele não escapará.

A cama do preguiçoso — *Como a porta que se revolve nos seus gonzos, assim, o preguiçoso, no seu leito (Pv 26.14).* A cama do preguiçoso é seu quartel-general. E dessa trincheira que ele inventa todas as estratégias para não trabalhar. O preguiçoso se revolve no leito como uma porta se revolve nos gonzos. Uma porta se revolve nos gonzos, mas não sai do lugar. Ela abre e fecha e abre o tempo todo, mas fica estacionada no mesmo local. Assim é o preguiçoso. Ele se mexe na cama e vira de um lado para o outro, mas não se levanta para agir. Ele não pula do leito para trabalhar. Seu descanso parece não ter fim. Seu sono parece nunca acabar. Ele está sempre cansado, sempre precisando de mais descanso. O trabalho é para ele um perigo e uma ameaça. Enquanto as pessoas à sua volta se entregam ao labor, ele se rende à preguiça. Enquanto os trabalhadores estão expostos ao calor do sol e à brisa da noite, ele se revolve no leito, imaginando que lá fora, onde o trabalho acontece, leões estão à espreita. O leito do preguiçoso é sua câmara de segurança. O quarto é seu castelo seguro. O sono para ele é mais doce do que o mel. O conforto do quarto é para ele maior do que as maiores conquistas do trabalho. Sua recompensa é descansar um pouco mais até que a pobreza bata à sua porta como um leão esfaimado. Então seu leito ficará cheio de espinhos, e seu quarto será o território de sua destruição.

A preguiça não tem limites - *O preguiçoso mete a mão no prato e não quer ter o trabalho de a levar à boca (Pv 26.15).* O preguiçoso, algumas vezes ao dia, levanta-se do seu leito não para trabalhar, mas para comer. Sua preguiça, porém, é tão radical que ele acha um duro esforço levar a comida à boca. O

preguiçoso julga penoso levar a comida à boca. Ele não trabalhou para prover a comida. Não se dedicou à tarefa de preparar a comida. O prato está pronto, mas ele se sente desconfortável com o grande trabalho de levar a comida à boca. O preguiçoso tenta se desincompatibilizar até mesmo do esforço mais elementar e necessário à sobrevivência. Não consegue terminar nada que começa. Ele se levantou para comer, mas acha penoso levar a comida à boca. Interrompe sua própria alimentação. Sua preguiça é crônica. Sua indolência não tem limites. Sua falta de diligência é consumada ruína. Há pessoas tão preguiçosas que preferem morrer a trabalhar. Há outras que, mesmo recebendo tudo de mão beijada, ainda acham duro ter de levar a comida à boca. Querem tudo mastigado. Estão dispostas a qualquer coisa, menos a fazer algum esforço, ainda que isso represente a própria sobrevivência. Isso prova, de forma peremptória, que a preguiça não tem limites!

O preguiçoso se julga muito sábio - *Mais sábio é o preguiçoso a seus próprios olhos do que sete homens que sabem responder bem (Pv 26.16).* O preguiçoso tem não apenas as mãos frouxas para o trabalho, mas também a mente ágil para a soberba. Ele se julga mais inteligente que o maior dos gênios. Acredita que sua filosofia de vida, rendida à preguiça crônica, está acima de todas as outras. Arrogantemente estadeia sua sabedoria e aplaude a si mesmo, julgando-se melhor do que os outros. Com o peito estufado, entoa diante do espelho o cântico “Quão grande és tu”. Acredita que é mais sábio a seus próprios olhos do que sete homens que sabem responder bem. O preguiçoso tem uma visão distorcida não só do trabalho, mas também de si mesmo. Vê o trabalho como ameaça e a si mesmo como sábio. Tem uma visão exagerada de si mesmo, a ponto de achar-se maior do que os maiores sábios. A preguiça tirou-lhe o bom senso, embaçou-lhe os olhos, entorpeceu-lhe a mente e afrouxou-lhe os braços. O preguiçoso é um indivíduo não apenas tolo, mas também autoenganado. Pensa ser quem não é. Literalmente, ele dorme o sono da morte. Sua máscara só cairá no dia da calamidade. Então, ele perceberá, tarde demais, que suas desculpas foram esfarrapadas, sua sabedoria não passava de consumada tolice e seu sono confortável o empurrará para a calamidade irremediável.

Não ponha seu nariz onde você não foi chamado - *Quem se mete em questão alheia é como aquele que toma pelas orelhas um cão que passa (Pv 26.17).* Intrometer-se em questão alheia é uma atitude insensata. Enfiar o bico onde você não foi chamado é arranjar encrenca. Envolver-se em brigas e contendas de outrem sem ser convidado para ajudar como pacificador é colocar os pés num laço. E a mesma coisa que tomar pelas orelhas um cão que passa. Você será mordido inevitavelmente! Nessa questão, um indivíduo sensato deve ter duas posturas. A primeira delas é ser um pacificador. Devemos construir pontes onde a desavença cavou abismos. Devemos aproximar as pessoas, e não as afastar. Devemos lutar pelo perdão, e não incentivar o ódio. A segunda postura é não pôr o nariz onde você não foi chamado. Esse é o ensino claro do provérbio em apreço. Há pessoas que sentem compulsão por interferir em problemas alheios. Sentem-se arrastadas para o epicentro das desavenças alheias. Não cessam de dar palpites e conselhos onde não foram chamadas. Em vez de pacificar as pessoas, acirram ainda mais os ânimos. Em vez de se sentirem recompensadas por terem sido um canal de bênção, ficam pesarosas por terem agravado a crise. Em vez de sentirem alívio pelo dever cumprido, sentem a dor da mordida do cão que foi tomado pelas orelhas!

Não brinque com coisa séria — *Como o louco que lança fogo, flechas e morte, assim é o homem que engana a seu próximo e diz: Fiz isso por brincadeira (Pv 26.18,19).* Brincadeiras tem limites. Não se brinca com coisa séria. Ninguém faz coisa errada com boa intenção ou engana o próximo apenas como um passatempo. Nossas palavras têm consequências. Nossas atitudes provocam efeitos bons ou ruins. Nossas ações nunca são neutras. Pavimentam o caminho da edificação ou cavam as valas profundas da decepção. Um enganador é como um louco que lança fogo, flechas e morte. Por onde ele passa, transtorna o

ambiente e machuca as pessoas. Sua língua urde enganos, seu coração maquina o mal e suas mãos são ágeis para ferir o próximo. O louco é aquele que, além de praticar o mal contra o próximo, ainda pensa que tem uma boa desculpa para dar. Depois de enganar o próximo, ateando-lhe flechas inflamáveis e mortais, diz que tudo não passou de uma brincadeira. Esse indivíduo, além de irresponsável, é também perigoso. Ele engana o próximo, e não o desconhecido distante. Maquina o mal contra aquele que nele confia. Tira proveito da intimidade e da confiança das pessoas para prejudicá-las. Quando suas armas carnis são descobertas e sua traição vem à tona, ele desavergonhadamente tenta sair pela tangente, dizendo que tudo não passou de uma brincadeira inocente.

Não ponha lenha na fogueira - *Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda (Pv 26.20).* Nos relacionamentos humanos, encontramos tanto incendiários como apagadores de fogo. Uns colocam lenha na fogueira; outros apagam os focos de incêndio. Uns atijam os conflitos jogando mais gasolina no fogo; outros são apaziguadores. Há aqueles que geram conflitos; outros sanam contendas. Uns são cavadores de abismos; outros são construtores de pontes. Os que provocam intrigas entre os irmãos são o desgosto de Deus, uma vez que esse é o pecado que mais Deus abomina, porém os pacificadores são as pessoas em quem Deus tem prazer, e estes são chamados filhos de Deus. O maldizente é aquele que alimenta os conflitos, agrava as crises, distorce os fatos, cava mais abismos entre as pessoas. Seu prazer é jogar uma pessoa contra a outra. Seu trabalho é levar e trazer informações que abrem mais feridas e azedam mais as relações. O maldizente é aquele cuja língua está a serviço do mal. Sua boca está cheia de contendas. Seus lábios destilam veneno. Seu coração é um laboratório de intrigas. Sua vida é uma ameaça às pessoas ao redor. Quando ele se aproxima, a contenda se estabelece; quando ele vai embora, os relacionamentos se pacificam. O maldizente é o combustível das brigas, o causador de conflitos, o patrono das desavenças.

Não seja um criador de confusão — *Como o carvão é para a brasa, e a lenha, para o fogo, assim é o homem contencioso para acender rixas (Pv 26.21).* O homem contencioso é o combustível mais inflamável para acender rixas. Suas palavras são incendiárias. Suas atitudes são graveto seco a pegar fogo. Suas ações são matéria-prima para as brigas, e suas reações são como lenha para o fogo. O contencioso é inimigo da paz. Por onde anda, deixa atrás de si um incêndio. Aonde chega, a paz é destronada. Depois que sai, as rixas explodem. O contencioso é protagonista da desordem. Ele desestabiliza as relações mais íntimas, fragiliza as amizades mais fortes e fortalece a desconfiança entre as pessoas mais leais. O contencioso é um perigo potencial. Como o carvão é para a brasa e a lenha para o fogo, assim é o contencioso e briguento para acender rixas. Como o carvão precede a brasa e a lenha precede o fogo, assim o contencioso precede a rixa. Brigas e desavenças seguem seus passos. O contencioso é portador de contendas. É o progenitor das malquerenças. Do seu coração procedem faíscas incendiárias. De seus lábios saem labaredas devastadoras. Quem com ele se relaciona não escapa de conflitos. Sua herança maldita é transformar carvão em brasas e lenha em fogo!

Não deguste fofocas - *As palavras do maldizente são comida fina, que desce para o mais interior do ventre (Pv 26.22).* Há pessoas que têm um apetite voraz por ouvir as novidades maldosamente contadas pelo maldizente. Há aqueles que experimentam um prazer mórbido ao ouvir as coisas mais escabrosas acerca do próximo. Alguns se sentem doentamente recompensados quando ouvem a respeito dos fracassos dos outros. Têm a impressão de serem promovidos com a desgraça alheia. Para esses indivíduos, as palavras do maldizente são como comida fina, que desce para o mais interior do ventre. Esses caçadores de fofocas comem gostosamente cada palavra maldosa e bebem a largos sorvos cada palavra carregada de veneno. Nutrem-se desse cardápio como se estivessem diante da mais fina

iguaria. Oh, como o coração humano se sente atraído pelo mal! Oh, como a língua cheia de veneno lhe serve uma refeição tão farta! Oh, como essas palavras maldosas lhe caem bem no coração e descem para o mais interior do ventre! A fofoca pode parecer uma comida fina para os invejosos e os amantes das intrigas. Mas essa comida está contaminada e fará mal ao corpo e à alma. Essa comida fina intoxica o coração, atormenta a consciência e rouba as alegrias da alma. Essa comida não nutre; enfraquece. Não produz saúde; adocece. Não dá vida; mata!

Quando os lábios não seguem o coração — *Como vaso de barro coberto de escórias de prata, assim são os lábios amorosos e o coração maligno (Pv 26.23).* Não há escândalo maior do que existir uma esquizofrenia entre o coração e os lábios, um abismo entre o que se sente e o que se diz. Lábios que destilam amor são a expressão de um coração gentil, e não a manifestação de um coração maligno. Lábios amorosos e coração maligno mostram uma distorção gritante de caráter. Essa é a face mais repugnante da hipocrisia. Da mesma forma que o vaso de barro é liso, mas ao ser coberto de escórias de prata fica áspero, assim também os lábios bondosos que escondem um coração malicioso tornam-se rudes, pois, longe de edificarem o coração aflito, arrastam-no para um abismo de morte. Um indivíduo falso é um perigo. Suas palavras são verdadeiras armadilhas. Seus lábios são iscas de morte. As torrentes caudalosas de seu amor não passam de propaganda enganosa. O amor que flui de sua boca não emana do coração. É uma caricatura grotesca do amor verdadeiro. Porque o coração do indivíduo falso é maligno, seus lábios são os embaixadores da mentira. Sua boca não é fonte de vida, mas cova de morte. Seu coração não é laboratório do bem, mas fábrica de engano. Sua vida inteira é um grande embuste, suas palavras são uma farsa e seu coração é um arauto do maligno.

Quando os lábios escondem o coração — *Aquele que aborrece dissimula com os lábios, mas no íntimo encobre o engano; quando te falar suavemente, não te fies nele, porque sete abominações há no seu coração (Pv 26.24,23).* Não se pode confiar em pessoas hipócritas, que falam uma coisa e sentem outra, que destilam mel dos lábios e maquinam perversidades no coração, que falam mal de você pelas costas, mas na sua frente só proferem elogios. Como é lamentável ver alguém com sete abominações no coração contra você, destilando palavras cheias de ternura a seus ouvidos. Confiar em pessoas hipócritas é cair numa armadilha. E decepcionar-se na certa. É fazer um investimento malogrado. As palavras do hipócrita são suaves como azeite, mas seu coração é duro como pedra. Seus lábios destilam doces palavras de vida, mas seu coração produz amargo veneno de morte. E de bom alvitre não confiar em indivíduos inconsistentes. Não é seguro tomar as palavras do hipócrita como expressão da verdade. Eles dissimulam com os lábios para esconder o que maquinam no coração. Os lábios destilam doçura, mas o que sobe do coração é amargo. Os lábios falam em amor, mas no coração há ódio consumado. Os lábios revelam bondade, mas o coração deseja maldade. Os lábios parecem confiáveis, mas o coração esconde sete abominações. Aquele cujos lábios escondem o coração é uma ameaça real, um perigo constante. É agente de morte, e não embaixador da vida!

O que agora é oculto será revelado - *Ainda que o seu ódio se encobre com engano, a sua malícia se descobrirá publicamente (Pv 26.26).* Aquilo que é guardado no esconderijo mais abscondido do coração se tornará público um dia. O que foi maquinado nos bastidores, com as luzes apagadas do anonimato, será revelado num palco iluminado, diante de um auditório perplexo. O segredo guardado a sete chaves hoje será um escândalo público amanhã. O ódio encoberto com engano hoje será uma malícia descoberta publicamente amanhã. A mentira não se sustenta por muito tempo. Tem pernas curtas. Não caminhará sobranceira e vitoriosa. Assim como as trevas não prevalecem sobre a luz, a mentira não fica de pé diante da verdade. O que foi ocultado feitosamente, para livrar a pele de seus agentes, não ficará encoberto o tempo todo. O ódio secreto

se tornará malícia pública. A máscara da mentira será arrancada. O ódio gestado no coração à noite escura do engano dará à luz a malícia, e esta nascerá publicamente trazendo em suas asas vergonha e opróbrio. Esta é uma realidade incontornável: o que é urdido em secreto vem à tona como a luz sobre o pico dos montes. O ódio guardado a sete chaves torna-se malícia notória a todos. O que foi arquitetado sob manto da noite se apressa para aparecer à luz do sol.

O que você semear, isso você colherá — *Quem abre uma cova nela cairá; e a pedra rolará sobre quem a revolve (Pv 26.27).* Esse provérbio diz que quem arma ciladas para o próximo cairá em sua própria armadilha. Quem arquiteta o mal contra o próximo verá esse mal, como flecha, atravessar o próprio coração. Quem abre uma cova de morte para o seu semelhante verá essa cova se transformar em sua própria sepultura. O mal lançado contra o próximo cairá sobre a sua própria cabeça. O veneno destilado para eliminar o próximo será sorvido gota a gota pela mesma pessoa que o fabricou. Qual é a garantia de que assim será? A certeza de que de Deus não se zomba. Tudo o que uma pessoa semear, isso ela ceifará. Sendo assim, podemos optar em semear o bem, pois quem planta amor colhe afeto. Quem semeia misericórdia colhe misericórdia. Quem fizer alguma coisa boa receberá isso outra vez do Senhor. Deus a ninguém fica devendo. Ele é o galardoador daqueles que praticam o bem. Se o mal tem seu retorno inglório, o bem tem seus frutos benditos!

Língua falsa e boca lisonjeira - *A língua falsa aborrece a quem feriu, e a boca lisonjeira é causa de ruína (Pv 26.28).* O comentarista bíblico Derek Kidner tem razão ao dizer que o engano, tanto quando fere como quando consola, é ódio na prática, pois a verdade é vital, e o orgulho é fatal, para as decisões certas. Tanto a língua falsa como a língua lisonjeira empregam o instrumento da mentira, e a mentira é sempre nociva, sempre destruidora. A língua falsa fere, e a língua lisonjeira causa ruína. Uma e outra estão a serviço do mal. Ambas destilam veneno. Ambas são armas mortais. A língua é fogo e veneno. Fogo que arde, veneno que mata. A língua é uma víbora peçonhenta cujo bote é fatal. A língua pode provocar grandes desavenças, como uma fagulha pode colocar em chamas toda uma floresta. A língua é um mal incontido, uma fera incapaz de ser domada. A língua enganosa produz frutos venenosos. A língua lisonjeira é uma fonte poluída da qual fluem águas amargas.